

A INVESTIGAÇÃO, A FORMAÇÃO, AS POLÍTICAS E AS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO 30 anos de AFIRSE em Portugal

La recherche, la formation, les politiques
et les pratiques en éducation.
30 ans d'AFIRSE au Portugal

Organizadores

João Pinhal
Carmen Cavaco
Maria João Cardona
Fernando Albuquerque Costa
Joana Marques
Ana Rita Faria



2019

A investigação, a formação, as políticas e as práticas em educação – 30 anos de AFIRSE em Portugal

La recherche, la formation, les politiques
et les pratiques en éducation –
30 ans d'AFIRSE au Portugal

Organizadores

João Pinhal
Carmen Cavaco
Maria João Cardona
Fernando Albuquerque Costa
Joana Marques
Ana Rita Faria



2019

ATAS DO XXV COLÓQUIO DA AFIRSE PORTUGAL
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
1, 2 e 3 de fevereiro de 2018
LISBOA

A investigação, a formação, as políticas e as práticas em educação – 30 anos de AFIRSE em Portugal

ISBN: 978-989-8272-35-5

ATAS DO XXV COLÓQUIO DA AFIRSE PORTUGAL
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
1, 2 e 3 de fevereiro de 2018
LISBOA

Organizadores

João Pinhal
Carmen Cavaco
Maria João Cardona
Fernando Albuquerque Costa
Joana Marques
Ana Rita Faria

Design e paginação

Ana Rita Faria

Data de publicação

janeiro de 2019

Edição

AFIRSE Portugal
Instituto de Educação da Universidade do Lisboa

Instituto de Educação
Alameda da Universidade
1649-013 Lisboa
Portugal

www.afirse.ie.ul.pt

LES PRATIQUES DIFFÉRENCIÉES DE PERSONNELS EN CONTEXTE SCOLAIRE PLURIETHNIQUE MONTRÉALAIS: QU'EN EST-IL?	212
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO PROJETO EDUCAÇÃO, POBREZA, DESIGUALDADE SOCIAL NA UFAM ..	223
O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E SEUS IMPACTOS EM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO, A POBREZA E A DESIGUALDADE SOCIAL: O OLHAR DOS CURSISTAS E ORIENTADORES DE ESTUDO.	234
O CINEMA COMO FONTE DE (IN) FORMAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR	243
O ENSINO HÍBRIDO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	251
ADAPTADO & TECNOLOGIAS DIGITAIS: RESULTADOS DE UMA INVESTIGAÇÃO	261
ESTRATÉGIAS NA ADEQUAÇÃO CURRICULAR AOS ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL (TPAC)	270
POLÍTICAS E DINÂMICAS DA FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES EM PORTUGAL.	278
A NARRATIVA BIOGRÁFICA E OS SABERES DOS EDUCADORES	290
MAPEAMENTO DOS EGRESSOS DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFMG: DISCUTINDO TERRITÓRIOS EDUCATIVOS NO VALE JEQUITINHONHA.....	300
UM OLHAR SOBRE A ENTRADA NO ENSINO SUPERIOR	310
DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIAS DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO MÉTODO DE CODESIGN PEDAGÓGICO	321
O 1º JARDIM-DE-INFÂNCIA PRIVADO DA CIDADE DE BRAGANÇA PORTUGAL	342
UMA ABORDAGEM À ABSTRAÇÃO REFLEXIONANTE ENQUANTO CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO COMPUTACIONAL ATRAVÉS DA ROBÓTICA EDUCACIONAL	352
GESTÃO CURRICULAR E PROMOÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR: RESULTADOS PRELIMINARES DE UM ESTUDO DE CASO	368
O PAPEL DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO CONTEXTO DA INCLUSÃO PROFISSIONAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	376
A PROPOSTA CURRICULAR DO PROJÓVEM URBANO: COMO OS EDUCADORES COMPREENDEM O CURRÍCULO INTEGRADO?	387
A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS ENCONTRADOS NA WEB 2.0 NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO STRICTO SENSU POR MEIO DE UMA PESQUISA ESTADO DA ARTE REALIZADA NO BRASIL.....	399
SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL: A PESCA COMO FORMA DE INTERCÂMBIO ENTRE AS CULTURAS LOCAIS	411
A EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DA AMAZÔNIA	421

O 1º JARDIM-DE-INFÂNCIA PRIVADO DA CIDADE DE BRAGANÇA –PORTUGAL

[ID 283]

Manuel Luís Pinto CASTANHEIRA

Instituto Politécnico de Bragança

Resumo: O estudo que compõe o trabalho aqui apresentado sistematiza os resultados da investigação realizada sobre a história da 1ª instituição particular de Educação Pré-escolar que surgiu em Bragança. A sua abertura foi no ano de 1956 durante o regime Salazarista, que influenciou profundamente a sociedade portuguesa que nunca se mobilizou para inscrever as questões educativas no centro das suas prioridades inadiáveis, senão a partir do final da década de 1960.

A temporalidade em que decorre a análise das fontes empíricas sobre esta instituição estende-se, ao longo da segunda metade do século XX, mais precisamente durante o último período do Estado Novo e nos primeiros doze anos após o 25 de abril de 1974, períodos marcantes na sociedade portuguesa. Por um lado, moveram-me motivações pessoais e profissionais; por outro, a evidência, para mim cada vez mais tornada uma exigência, de que a História da Educação em Portugal ficará mais completa com a realização de estudos locais sobre educação em geral e a Educação de Infância em particular. Ao dar a conhecer todo o processo de criação e abertura de um jardim-de-infância privado num tempo onde ainda havia crianças não frequentavam a escola primária, é fundamental conhecer e valorizar a criação de instituições educativas em locais e tempos difíceis de o conseguir. Com este estudo procuro averiguar o espaço que a criança ocupou na sociedade do espaço em geral e nesta instituição em particular, na sociedade de Bragança. As principais fontes primárias em que me baseei consistem em material publicado: monografias e artigos de revistas pedagógicas, imprensa diária e periódica local (em especial o jornal Mensageiro de Bragança que se publica continuamente desde 1940), regional e nacional, legislação e por fim, mas não menos importante, algumas memórias de Educadoras de Infância, crianças que frequentaram esta instituição e o seu pessoal dirigente que trabalharam nesta instituição em estudo. Vale, portanto, ressaltar que é meu propósito, recriar a experiência desta instituição em Educação de Infância na cidade de Bragança e contribuir assim para uma formação mais completa e para uma melhor reflexão sobre a profissão de Educador de Infância. A história de uma instituição é um processo de investigação em que a instituição e a educação se articulam por ação dos sujeitos, situados num horizonte sócio-cultural que define a sua existência e o sentido de cada um face aos seus interesses, motivações e expectativas.

Palavras-chave: História, Instituição, Educação, Bragança.

INTRODUÇÃO

É objetivo central deste trabalho aprofundar e alargar o conhecimento histórico sobre a realidade da Educação de Infância em Portugal e na cidade de Bragança em particular. Pretende contribuir para a preservação da memória e do património educacional regional, através da valorização da Educação histórica na sociedade atual. As principais fontes primárias em que me baseei consistem em material publicado na imprensa periódica local (em especial o jornal Mensageiro de Bragança que se publica continuamente desde 1940), e por memórias de Educadoras de Infância da instituição em estudo. Nos primeiros anos do Estado Novo (1937) deu-se o fim da Educação de Infância oficial em Portugal. Até 1950 a Educação de Infância ficou essencialmente a cargo da Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN) e da iniciativa privada de algumas ordens religiosas e dos Jardins Escola João de Deus. De 1950 a 1974, deixa perceber uma maior abertura ao estrangeiro, que influenciou novas ideias e coincidiu com o aparecimento de outro discurso mais positivo sobre a importância da Educação de Infância e a criação de instituições de Jardins-de-infância e escolas de formação de Educadores privadas e semi-estatais. Foi nesta fase que se abriu o 1º Jardim-de-infância privado em Bragança,

objeto deste estudo. De 1974 a 1986, coincide com o fim de regime do Estado Novo e o início da democracia, sendo caracterizada pela segunda e definitiva entrada na Educação de Infância no sistema educativo Português. Foi nesta conjuntura que se criou o 1º Jardim-de-infância privado na cidade de Bragança como apresentamos à frente.

JARDIM DE INFÂNCIA DE SANTA CLARA - CONGREGAÇÃO RELIGIOSA DAS SERVAS FRANCISCANAS REPARADORAS DE JESUS SACRAMENTADO

A Congregação Religiosa das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado (CRSFJS), foi a primeira instituição privada a abrir um Jardim-de-infância na cidade de Bragança, mais concretamente no ano de 1956. As origens desta Congregação estão na aldeia de Pereira no concelho de Mirandela, onde fundou a Casa Asilo das Florinhas do Sacrário. Funcionava em regime de internato para crianças do género feminino, a partir dos seis anos de idade. Em dezembro de 1928 recebeu as primeiras crianças, consideradas “as mais necessitadas da aldeia” (Teixeira, 2004: 22). Desta pequena aldeia espalhou-se, lentamente pelo distrito de Bragança, pela região norte, pelo país, e pelo estrangeiro. À medida que iam abrindo Creches e Jardins-de-infância pelo distrito de Bragança, era fundamental que a Congregação tivesse pessoal especializado para trabalhar, dirigir e orientar, o que nem sempre acontecia. Sempre que era possível, enviava as irmãs interessadas a tirarem o curso de Educadora de Infância em diferentes escolas de formação do país. Até 1986 só havia Educadoras de Infância da Congregação a trabalhar nas suas instituições.

A Casa de Santa Clara de Bragança: a Casa do Arco

A casa do Arco pertence à Congregação Religiosa das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado (CRSFJS). O Sr. D. Abílio, Bispo de Bragança e Miranda, considerou fundamental a instalação em Bragança da Congregação das CRSFJS para o ajudarem na obra das catequeses e para abrir uma “Escola Infantil Católica”. Entendeu ser muito importante a sua vinda para a capital de distrito, porque desempenhavam uma importantíssima função no âmbito da sua formação e cultura, através do incentivo ao desenvolvimento de obras em prol da educação, em especial da Educação de Infância.

Uma escola Montessoriana em Bragança: Jardim-escola ou Escola Infantil de Nossa Senhora das Graças

O Bispo D. Abílio alimentava, há muitos anos, a ideia de abrir um Jardim-de-infância na cidade. Constata-se isso pelas cartas que frequentemente enviava aos párocos e à comunidade, publicadas no jornal Mensageiro de Bragança ao longo das décadas de 1940 e 1950. Não havia em Bragança qualquer instituição que respondesse às necessidades educativas das crianças antes da entrada na escola

primária. Tinha que ser uma ação concertada e bem pensada para que fosse uma realidade a sua criação e abertura (“Jardim Infantil”, JMB, 16/6/1954:6).

Juntamente com as Irmãs da CRSFJS e de outras senhoras da Ação Católica de Bragança iniciaram diligências para a abertura do Jardim-de-infância a partir de 1954. O contributo do Movimento da Ação Católica revelou-se fundamental porque era constituído por um grupo de mulheres da “elite” com muita influência na cidade. As condições não podiam ser melhores, porque com este movimento do seu lado, aliada à experiência da Congregação na abertura de creches em várias localidades, tornava-se mais fácil a abertura de um Jardim-de-infância. Sabia-se que ia precisar de ter pessoal especializado em Educação de Infância e não tinha qualquer pessoa formada. Por isso uma irmã da Congregação foi tirar o curso de Educadora de Infância na Escola de Formação João de Deus em Lisboa, concluído em junho de 1956, mesmo a tempo da abertura do Jardim-de-infância que se veio a verificar em outubro desse ano.

Enquanto aguardavam que a Irmã se formasse como Educadora de Infância, iam tratando da sensibilização da sociedade de Bragança sobre necessidade de abertura de um Jardim-de-infância. O Bispo da Diocese iniciou de uma forma concertada, a publicação de diversos artigos no jornal Mensageiro de Bragança, tendo em vista a abertura da Escola Infantil, juntamente com António Augusto Pires – cronista que habitualmente escrevia no jornal, sobre assuntos de educação. Procuravam sensibilizar as pessoas sobre a importância e vantagens dos Jardins-de-Infância e os benefícios para as crianças como preparação para a entrada na escola Primária. A primeira publicação surgiu no final de março de 1956 onde, num artigo nas primeira e segunda página do jornal, sob o título “Uma Escola Montessoriana em Bragança” (parte I), expôs a biografia de Maria Montessori e algumas notas sobre o seu método e ainda apresentou os Jardins-escola de João de Deus, o seu historial e os Jardins-escola que existiam em Portugal.

Surgiram na cidade vozes discordantes contra a abertura da Escola Infantil, alegando que os tempos não seriam “bonanzosos” para obras de vulto como esta: “é de crer que o “Velho do Restelo” “de aspecto Venerando, ficava nas praias entre a gente continue a manear a cabeça”, e viram obstáculos à sua realização na falta de Professores especializados, de edifício, equipamento e materiais adequados e de um parque infantil a condizer. Como forma de fortalecer a campanha de sensibilização e na tentativa de calar as vozes discordantes, usou o poder da Igreja e publicou nesse mesmo artigo, a carta que o Sr. Bispo tinha enviado a todos os párocos e que foi lida nos atos litúrgicos da páscoa. Nos tempos seguintes, desde maio até ao dia anterior da inauguração da Escola Infantil em novembro desse ano, não houve mais nenhuma publicação sobre o assunto da responsabilidade do Sr. Bispo. Mas o assunto foi bastante discutido na imprensa local com a publicação de alguns artigos sobre a importância da vida das crianças antes dos seis anos de idade e a necessidade de se entregarem a pessoas e instituições especializadas “A instituição de um “infantário” (...) é da mais irritante necessidade, interessa a todos

os brigantinos. Oxalà ela não demore muito, o que se conseguirá com a colaboração de todos” (“Cuidado com as crianças”, JMB, 8/6/1956:6). Discutiu-se sobre o problema da proteção social das crianças desta faixa etária e a necessidade de “uma educação adequada, ou pelo menos, de uma vigilância carinhosa” (“A puericultura e o trabalho”, JMB, 15/9/1956:6). Parece que as ideias do Sr. Bispo, através do seu processo concertado de doutrinação foram aceites pela grande maioria da população da cidade: “Graças à incessante doutrinação de escritores, pedagogistas e médicos, doutrinação sempre bem acolhida pela pequena imprensa regional, existe hoje um ambiente muito favorável à compreensão e à resolução dos problemas da infância” (“Assistência à infância”, JMB, 20/10/1956:2), e que era inevitável a necessidade de dar resposta às necessidades educativas das crianças até entrarem na escola Primária.

No dia da inauguração da Escola Infantil, e com a presença das pessoas mais ilustres da cidade, do Subsecretário de Estado do Ministério da Educação Nacional e da população, o Bispo da diocese teceu um discurso onde destacou a alegria que sentia em ver realizado o sonho que há dezoito anos acalentava e as dificuldades que teve de vencer para conseguir uma casa para dar resposta à necessidade de educação das crianças até seis anos de idade e a falta que fazia a Bragança (“Inauguração em Bragança”, JMB, 10/11/1956:1).

No processo de abertura do Jardim-de-infância sabia-se que se pretendia uma instituição para dar uma resposta educativa, destinada às crianças das idades entre os três e os seis anos de idade. Mas a dúvida sobre como a designar esteve sempre presente, como se pode verificar nos documentos e referencias atrás apresentados. O Sr. D. Abílio referiu-se, muitas vezes, como sendo uma Escola Infantil Católica de Nossa Senhora das Graças, depois como uma Escola-Infantil Montessoriana, devido à influência do modelo de Maria Montessori. Também se encontrou a designação de Jardim-Escola devido à influência do modelo Educativo português de João de Deus e pelo facto da Educadora de Infância que abriu a instituição se ter formado na Escola João de Deus em Lisboa. Até aos dias de hoje nunca perdeu a designação de Jardim-Escola de Santa Clara, apesar de também se referirem a ele como Jardim-de-infância de Santa Clara.

O Jardim-de-infância de Santa Clara

O Jardim-Escola Santa Clara, também designado por Escola Infantil Católica de Nossa Senhora das Graças, começou a funcionar no dia 9 de outubro de 1956 e foi inaugurado no dia 4 de novembro seguinte (“Inauguração em Bragança”, JMB, 10/11/1956:1), (Teixeira,2004:159).

Foi um dia muito importante para a cidade, o Jardim-de-infância foi inaugurado com toda a pompa e sumptuosidade com corte de fitas, bênção pelo Sr. Bispo, poesias, cantos e discursos, seguidos de visita às instalações. Nos discursos do dia destacaram-se as palavras do Subsecretário de Estado da

Educação ao dizer que sentia muita alegria naquele dia por inaugurar obras que tinham o objetivo comum do desenvolvimento e formação da criança e manifestou o interesse do Estado pelas escolas infantis, mas sublinhou que as não oficializaria tão cedo. As palavras do representante do Governo são representativas das ideias de Salazar de não abrir Jardins-de-infância públicos, e de não impedir que a iniciativa privada o faça. Tratou-se do primeiro Jardim-de-infância privado a existir na cidade de Bragança. Foi o primeiro privado porque no ano de 1915 a Câmara Municipal de Bragança tinha criado o primeiro Jardim-de-infância público, encerrado por Salazar em 1934 (Castanheira, 2006).

Os objetivos e programa da Escola Infantil de Nossa Senhoras das Graças de Bragança foram publicados no jornal (“A Escola Infantil”, JMB, 10/11/1956:5): Como principal objetivo a atingir e bem destacado, não era procurar que a criança obtivesse um grau de saber na leitura, na escrita ou no cálculo, consideravam até insensato quem quisesse instruir, no sentido próprio do termo, as crianças destas idades. Era sim criar um ambiente sã à criança, onde esta pudesse crescer e expandir-se normalmente, ajudando-a desde uma idade precoce a adquirir bons hábitos intelectuais, físicos e morais e a desenvolver o amor pelo trabalho, pelo estudo e pela virtude. Tinham também como objetivos robustecer a saúde das crianças, desenvolver e educar os sentidos da visão, da audição e do tacto por meio de jogos e exercícios próprios. Dada a vocação religiosa da instituição, também era um grande objetivo iniciar as crianças nos primeiros princípios de educação moral e cristã. A preparação para a escola Primária estava sempre presente e era um dos principais objetivos: “ensinar-lhes as primeiras noções de coisas de maneira simples, nítida e clara – onde se há-de apoiar mais tarde toda a instrução Primária”. Outro dos objetivos era despertar nas crianças as diferentes formas de expressão através da ginástica, do canto, do desenho, das imagens, das narrações, das histórias e dos exercícios manuais. Consideravam fundamental o interesse das crianças pela escola, em ouvirem as Educadoras, observar, imitar, questionar, responder: “disciplinar-lhe a vontade que a leve a estar atenta, a ser dócil, a obedecer, a dominar-se, a manifestar o seu bom humor, a confiar; em suma, despertar-lhe a inteligência e abrir-lhe a alma a tudo o que é belo e nobre”. Em síntese, ambicionava-se que o resultado dos primeiros anos da Escola Infantil fosse que as crianças, ao chegarem à escola Primária, estivessem bem preparadas.

As instalações

O Jardim-de-infância funcionou inicialmente, nas instalações da Casa do Arco, no centro da cidade, desde a sua abertura em 1956 até ao ano letivo de 1966/67.

Funcionava no 1º andar do edifício, onde havia três salas de atividades com as áreas aproximadas de 30 a 40 m², bem iluminadas com luz natural. Nesta data houve necessidade de mudar de instalações, devido à criação da Escola Primária, ao elevado número de crianças que frequentavam

o jardim, e devido, também, à longa lista de espera para entrar. A instituição arrendou uma casa localizada na rua Eng.º José Beça que lhes parecia reunir as condições pretendidas. Funcionou também como Lar Feminino (Lar feminino da Imaculada), destinado a alunas do Magistério Primário. No espaço novo, o Jardim-de-infância passou a funcionar em salas mais espaçosas. Mas ainda não era a solução ideal, por ser longe da Casa do Arco e apresentar alguns problemas de manutenção. Surgiu a oportunidade de compra da casa mesmo em frente à Casa do Arco, bastando atravessar a rua. Reunia as condições pretendidas para o desejado e estava bem localizada. Após a sua aquisição, foi novamente preparada e equipada e passou ali a funcionar o Jardim-de-infância a partir do ano de 1975 (Teixeira, 2004:237) mantendo-se ali até ao ano de 1999/2000 altura em que se mudou, definitivamente para o antigo Colégio de São João de Brito, onde ainda hoje se mantém (Entrevista Educadora 1).

Até 1986 o Jardim-de-infância Santa Clara esteve sempre muito bem localizado. Os três diferentes edifícios, onde funcionou, eram todos localizados no centro da cidade: “A escola estava mesmo no Centro. Tudo andava a pé, quase não havia carros. O meio de transporte mais utilizado era de animais de cavalos e burros. Tudo se transportava em Burros” (Entrevista Educadora 1) Lamentava-se o facto de apenas a última casa, onde funcionou o Jardim-de-infância até 1986, ter tido um pequeno Parque infantil exterior. Apesar de haver vontade em o ter, as outras casas não tinham condições para possuírem esse equipamento. As crianças brincavam sempre nas salas e nas partes interiores “corriam e desciam as escadas, não tinham grandes espaços para brincar além das salas” (Entrevista Educadora 1). Devido à fraca qualidade de recreio exterior, indevidamente equipado foi, por diversas vezes, na década de 90, ameaçada de encerramento pelos serviços do Ministério. Além de outras, esta foi uma das razões que levaram a Congregação a adquirir o Edifício onde funciona hoje, com um Parque Infantil devidamente equipado, como obriga a legislação (Despacho Conjunto nº. 2687/97 de 25 de agosto). A seguir apresentam-se as casas onde funcionou o Jardim-de-infância de Santa Clara de Bragança nos anos de 1956 a 1986.

O Modelo Pedagógico

Antes da abertura do Jardim-de-infância, foram publicados, nos jornais, os modelos e princípios educativos mais adequados a aplicar com crianças entre os três e os seis anos de idade. Falou-se de Maria Montessori, de João de Deus e de Émile Planchard, sobre o funcionamento dum Jardim-de-infância e a melhor forma de se trabalhar. Este assunto foi debatido na praça pública, nos jornais e pelos seus fundadores. Inicialmente falava-se na criação de uma escola essencialmente Montessoriana, depois acrescentou-se-lhe um pouco do modelo de João de Deus, ao dizer-se que seria uma Escola Montessoriana adaptada à realidade portuguesa, na certeza porém que seria uma escola defensora dos ideais da Escola Nova. Os objetivos foram amplamente conseguidos e até ultrapassados uma vez que se

conseguiu trazer o tema para o debate público, formando a sociedade bragançana, de forma a sentir a importância da educação nestas idades no Jardim-de-infância com a abertura da Escola Infantil. Este movimento levou à procura da instituição e à abertura de outras instituições durante os anos seguintes.

O debate sobre os modelos pedagógicos tinha sido feito, mas faltava a sua operacionalização na prática, no dia-a-dia com as crianças do Jardim-de-infância. Esta responsabilidade coube à Educadora de infância Irmã Lúcia da mesma Congregação, uma vez que tinha sido escolhida para abrir e coordenar o Jardim. Acabada de se formar, no ano de 1956, na Escola de Formação de Educadoras de Infância João de Deus, em Lisboa, vinha muito influenciada pelo modelo educativo seguido por esta escola, embora fosse conhecedora da Obra de Maria Montessori. Era a única Educadora de Infância da instituição, responsável por uma sala e respetivas crianças e coordenava o trabalho das outras duas, onde estavam mais duas irmãs que desempenhavam as funções de Educadoras de Infância, apesar de não possuírem habilitação profissional para o efeito. No entanto, eram duas pessoas com muita experiência no campo de educação das crianças, tendo uma delas sido regente do Ensino Primário e a outra trabalhado com crianças de Creche. Contavam ainda com a ajuda de outras irmãs que desempenhavam as funções de auxiliares.

Quando o Jardim-de-infância abriu em outubro de 1956, já tinha as salas equipadas com o material e equipamento necessário. Todo o mobiliário foi mandado fazer por encomenda e adaptado às idades das crianças, desde mesas, cadeiras, armários e também secretárias, tudo para as três salas. Construíram diversos jogos e outros materiais em madeira.

O modelo pedagógico seguido no Jardim-escola Santa Clara teve uma forte influência de Maria Montessori. Apesar de a Educadora ter sido formada segundo o modelo João de Deus, segundo ela, não se adaptou a ele e começou a usar, nas suas práticas, mais a pedagogia de Maria Montessori. Inicialmente, ainda trabalhou segundo o modelo pedagógico de João de Deus, chegando a equipar a sala das crianças maiores, com cinco anos de idade com a Cartilha Maternal.

No processo de implementação das rotinas diárias de atividades com as crianças, verificava-se que era a Educadora que se adaptava ao método de trabalho das outras funcionárias irmãs da Congregação sem curso de Educadoras, do que o contrário. Não era fácil para outras irmãs, responsáveis pelas outras salas, conseguirem trabalhar o Modelo de Maria Montessori sem o conhecerem. Além de serem irmãs sem formação especializada em Educação de Infância, sem modelos de referência, sem a sustentação teórica tão fundamental para trabalhar com crianças destas idades, mesmo uma delas sendo professora regente do Ensino Primário, seria muito difícil conseguirem separar-se do modelo educativo tradicionalista, diretivo e escolástico da escola Primária, que era o único que conheciam.

Até à década de 1980, o Jardim-de-infância foi perdendo as suas características de uma verdadeira instituição de Educação Pré-escolar, ao passar a ser, fundamentalmente e apenas, uma preparação para a escola Primária. Esperava-se que fosse a única Educadora de infância a influenciar o

resto do pessoal da instituição a trabalhar de forma diferente da Escola Primária, onde a criança, através dos jogos e da brincadeira, desenvolvesse as suas capacidades. Mas não foi isso que aconteceu

No ano de 1979, a Irmã Lúcia deixou de ser Educadora de Infância na instituição, e passou a ocupar o cargo de Madre Superiora. O Jardim-de-infância ficou, nesta altura sem qualquer Educadora, apenas com as irmãs e nenhuma delas era Educadora de Infância. A irmã Lúcia somente fazia visitas esporádicas. Naquele período, não conseguiram arranjar uma Educadora de Infância, dentro das irmãs da Congregação até ao ano de 1981. Apenas neste ano passaram a poder contar com uma nova Educadora de Infância, pertencente à Congregação, acabada de se formar na Escola de Formação de Educadoras Paula Frassinetti, no Porto.

Quando a nova Educadora iniciou as suas funções no ano de 1981, foi a única Educadora da instituição até 1986. Sozinha, tinha um árduo trabalho para fazer. Encontrou apenas um grupo pequeno de crianças de diferentes idades e um grupo de pessoal de instituição com pouca formação nas novas metodologias de Educação de Infância e com métodos de trabalho muito escolarizantes. Fizeram-se obras de melhoramento na instituição com benefício claro para a organização das salas. Enveredava por métodos de trabalho diferentes, modernos, muito mais atualizados e com muitas ideias. Esta nova Educadora influenciou a forma de trabalhar do pessoal e organizou a instituição, em vários aspetos, como ao nível da organização do tempo, à organização do espaço, dos grupos de crianças até à forma de contactar com as famílias. As salas ficaram organizadas de forma a responder às necessidades das crianças. Passou a trabalhar por projetos pedagógicos anuais baseada em objetivos gerais e específicos e temáticas que frequentemente surgiam entre as crianças. O empenho, a dedicação e a formação que fazia ao pessoal da instituição que com ela trabalhava, fez com que surgisse uma maior procura da instituição e aumentasse as inscrições de crianças e, no ano letivo seguinte, estavam novamente três salas em funcionamento. A partir daí, voltou a ter lista de espera de crianças para frequentarem a instituição. Quando a Escola do Magistério Primário de Bragança começou a formar Educadores de Infância no ano de 1984, passou a integrar alunos estagiários desta instituição.

A Congregação que criou o Jardim-de-infância de Santa Clara ainda se mantém nos dias de hoje e o fio condutor que lhe preside ainda é o mesmo. Possui em Bragança o Colégio de Santa Clara no edifício São João de Brito, constituído pela Escola do 1º Ciclo de Santa Clara e Centro Social de Santa Clara, Instituição Particular de Solidariedade Social, tutelada pela Congregação das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado. Os seus Estatutos, aprovados a 30 de setembro de 1992 (livro 5 das fundações de solidariedade social em 21 de outubro de 1992). O Centro Social possui as valências de Creche, e Centro de Atividades de Tempos Livres e ainda Jardim-de-infância. Tem acordo de cooperação com o Instituto de Segurança Social do Centro Distrital de Bragança. A Creche foi a última resposta social que abriu e surgiu no ano de 2008, devido à fraca oferta que havia neste campo em

Bragança e fruto da solicitação de muitos pais interessados em confiar a educação dos seus filhos a esta Instituição. Atualmente, o Centro Social possui um acordo de cooperação para 33 clientes em Creche, 100 no Pré-Escolar e 60 em CATL e 100 na escola do 1º Ciclo do Ensino Básico. É frequentado por crianças de todos os estratos sociais da cidade de Bragança e aldeias limítrofes.

CONCLUSÃO

A originalidade da Educação de Infância em Portugal pode ser identificada através de características que lhe são próprias: a independência histórica dos outros setores do sistema escolar; a intervenção de diversos serviços concorrentes ou complementares; a integração nas comunidades; a forte ligação com os pais e, note-se ainda, desde longa data, uma formação contínua específica, para os Educadores de Infância. A evolução histórica da Educação de Infância viveu sempre entre a necessidade de resposta social para os filhos que é preciso libertar das mães para que, com toda a liberdade, possam ser utilizadas num trabalho produtivo imediato e o acolhimento em estruturas privadas com preocupações pedagógicas, das crianças de camadas privilegiadas, que souberam construir para o seu uso as estruturas adequadas ao tratamento que pretendem para os seus filhos, a fim de dinamizarem ao máximo as suas potencialidades.

Bragança era e continua a ser uma cidade com as mesmas dificuldades que o resto do País, ou até ainda mais acentuadas. No entanto, apesar do Estado Português não apoiar e ser claramente contra, conseguiu abrir diversos Jardins-de-infância de iniciativa particular. Gomes (1977:128) refere que “só há escola, só há vida intelectual organizada, onde as necessidades essenciais da vida estão satisfeitas”. Em Bragança não estariam de todo, no entanto, não foi fator impeditivo.

REFERÊNCIAS

- Cardona, M. J. (1997). *Para a História da Educação de Infância em Portugal: O discurso oficial 1834.1990*. Porto: Porto Editora.
- Castanheira, L. (2006). *A Escola Infantil de Bragança: 1915-1934 Modernidade pedagógica e as 1as. Práticas de Educação de Infância no interior*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Castanheira, L. (2014). *Para a História da Educação de Infância em Portugal: O caso de Bragança (1934-1986)*. Tese de Doutoramento. Instituto da Educação da Universidade de Lisboa.
- Gomes, J. F. (1967). *História da Educação*. Coimbra: Gabinete de Estudos e planeamento da Acção Educativa.

Gomes, J. F. (1977). *A Educação Infantil em Portugal: Achegas para a sua história*. Coimbra: Livraria Almedina.

Jornal: *Mensageiro de Bragança (1940-1986)* – Arquivo na sede do jornal em Bragança.

Magalhães, J. (2001). *Roteiro de Fontes. Para a História da Educação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. Imprensa de Coimbra.

Magalhães, J. (2004). *Tecendo nexos. História das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.

Nóvoa, A. (1997). *A imprensa de educação e ensino: Conceção e organização do repertório português*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Pintassilgo, J., Alves, L. A., Correia, L. G., Felgueiras, M. L. (2007). *A História da Educação em Portugal. Balanço e Perspectivas*. Lisboa: Edições Asa.

Planchard, È. (1978). *Em defesa da liberdade de ensino*. Coimbra: Editorial Verbo.

Spodek, B. (Org.), (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Teixeira, A. (2004). *Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado: cinquenta anos de vida*. Porto: Criação e Comunicação Gráfica, Lda.

Vasconcelos, T. (2005). *Das Casas de Asilo ao Projecto de Cidadania. Políticas de Expansão da Educação de Infância em Portugal*. Porto: Edições Asa.